

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização (NEARG)

VII CICR CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO



A Religião entre
o espetáculo
e a intimidade

08 a 11 de abril de 2014
Goiânia-GO- Brasil



55 (62) 3946-1673
www.pucgoias.edu.br
vii.congressointernacional@gmail.com



Orgs.:

**ALBERTO DA SILVA MOREIRA
CAROLINA TELES LEMOS
EDUARDO GUSMÃO DE QUADROS
ROSÂNGELA DA SILVA GOMES**

GT18 – JUVENTUDE, RELIGIÃO E ESPETÁCULO

Coordenadores

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (FCS/UFG) sofiati@gmail.com

Doutorando Wellington Cardoso de Oliveira (PPGS/FCS/UFG)
wcotom@yahoo.com.br

JUVENTUDE, RELIGIOSIDADE, MÍDIA E ESPETÁCULO

Dr. Júlio César Adam - EST (julioadam@est.edu.br)

Resumo

Trata-se de um estudo com base em pesquisa de campo realizada pelo autor, com jovens do ensino médio, analisando a relevância do acesso e dos conteúdos da mídia (cinema, TV, música e internet) como uma forma de religiosidade espetacular. A pesquisa tomou como referencial teórico a chamada religião vivida (Wilhem Gräb), segundo a qual o religioso transpõe as fronteiras do próprio religioso e se faz presente no espetáculo midiático seja como dispositivo ou conteúdo. A pesquisa de campo buscou averiguar em que medida esta religião presente na mídia, configura-se uma religiosidade juvenil.

Introdução

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Culto, rito e liturgia na complexidade: busca e mapeamento de elementos religiosos na cultura popular acessadas por jovens através das mídias”, o qual tem por objetivo pesquisar o culto cristão a partir de manifestações culturais e midiáticas envolvendo adolescentes e jovens.

Parte-se da tese que, assim como a religião transpõe fronteiras e está presente fora da esfera explicitamente religiosa-institucional, o mesmo acontece com o culto, a pregação e a liturgia. Rituais, expressões e festas são realizadas com intensidade fora das igrejas e fora dos cultos dominicais, seja nas festas, nos desfiles de escolas de samba, nos estádios de futebol, nas academias de ginástica, no uso das vestes da moda e outros locais inusitados. Enquanto a prédica dominical sobrevive a custo, mensagens em *power point*, *prezi*, preces e correntes lotam nossas caixas de mensagem na internet, as redes sociais, os smartphones e o transcendente transpassa os anúncios publicitários. Lei e Evangelho, denúncia e anúncio, desfilam nas telas de cinema, rodam nas músicas dos iphones, nos vídeos do *You tube*, nos clipes de bandas e músicos. Enquanto a ideia de comunidade eclesial atrai cada vez menos pessoas, milhares de comunidades surgem a cada segundo nos mais diferentes espaços virtuais.

Suspeita-se que um tipo de culto está acontecendo fora da liturgia e da pregação eclesial, na cultura da complexidade protagonizada principalmente pela cultura juvenil-adolescente. Como escreve Peter Cornehl “O mundo está cheio de liturgia.” Há uma liturgia no e do mundo, que atrai e congrega pessoas. Pensando de uma maneira prática: o jovem quando vai ao cinema ou quando houve música, está de alguma maneira vivenciando uma liturgia, alimentando uma espiritualidade, seria uma forma de religião vivida? O que há de religioso nestas expressões da cultura? Em que medida esta forma de culto na cultura interferem no culto tradicional da igreja?

O foco da pesquisa é, num primeiro momento, entender o fenômeno religioso na complexidade (Morin), para então, num segundo momento, mapear elementos litúrgicos dentro deste fenômeno. Ou seja, definir a essência do fenômeno religioso especificamente litúrgico e buscar identificá-lo sob o conceito de “religião vivida”.

Parte-se da hipótese de que existiria na cultura elementos cúlticos que proporcionam, além de vivências, uma experiência com o transcendente. O culto, a liturgia e a pregação da Igreja, no seu processo de inculturação, precisariam ser repensados em seus ritos e mitos a partir desses elementos da “liturgia fora da igreja”. Como seria possível este contato, diálogo e relação, ainda é uma incógnita. Talvez seria a possibilidade dos chamados *Emerging Rituals*, embasar este processo. Se estes

elementos do “culto na cultura” podem contribuir para o culto da igreja, sem desfigurar o próprio culto, em sua essência, também é algo que ainda não sabemos. Conceitos e concepções precisarão ser repensados.

Mapear estas “liturgias”, ou seja, os rituais e celebrações, espaços e tempos, sons e melodias, símbolos e vestes, gestos e movimentos, sentidos e palavras, mitos e sentidos privados, pedidos e agradecimentos, curas e perdões, uniões e reconciliações, iniciações e despedidas, dramas e espetáculos, que possibilitam o encontro com o “transcendente”, sagrado-profano, dentro da cultura popular, cotidiana e midiática do Brasil. Este mapeamento será feito através de uma pesquisa de campo com jovens e adolescentes do ensino médio da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), em Novo Hamburgo/RS.

●A religiosidade jovem no Brasil de hoje

Segundo levantamento realizado por instituto alemão, 65% dos jovens brasileiros são considerados “profundamente religiosos”. Analisando esses dados, o sociólogo Flávio Pierucci, em entrevista online, afirma: "Um jovem acha na internet qualquer coisa - ele pode entrar em um site islâmico, pode ter curiosidade sobre a cientologia, a religião do ator Tom Cruise, ele pode se informar sobre uma seita como o Santo Daime. A religião fica mais viva". Nesse sentido, dedicar atenção ao jovem capacita-nos para melhor entender o momento atual, sem de início, apontar para causas ou sintomas. Isto pode ser no mínimo, superficial.

Vivemos numa fase avançada, que muitos preferem chamar de pós-modernidade, ou hipermodernidade. Por um lado, nunca se viveu em outros tempos tamanha liberdade no meio jovem, fazendo eco ao grito de jovens no ano de 1968. Por outro lado, a mídia, que por vezes impõe grifes, músicas, gostos, linguagens torna os jovens verdadeiros escravos do capitalismo midiático.

O termo “religiosidade”, central nesta pesquisa, apresenta um significado amplo, que serve atitudes marcadas pela fé, mas também como seres humanos em busca de sentido para a vida. Pode-se afirmar também, que a experiência da juventude atual com a religião acontece em contexto plural (político, econômico, social, religioso...). Todos estes elementos são levados em consideração neste texto, por isso, encontramos-nos frente a um grande desafio.

Estudos apontam para uma grande mudança em relação à adesão das religiões enquanto código institucional restrito. Estas religiões e igrejas perdem seu protagonismo e liderança, mas não perdem seu potencial de metamorfosear na cultura pop e midiática atual. Eventos da cultura pop e midiática compõem neste sentido, uma verdadeira religiosidade fora da religião institucional, mas, ao mesmo tempo alimentados por conteúdos e práticas das próprias matrizes religiosas institucionais. Poderíamos, por isso, falar de uma verdadeira destradicionalização da religião na atualidade brasileira. Ribeiro fala sobre desregulação religiosa, a qual se caracteriza não só pela contínua queda da pertença religiosa, mas basicamente pela “autonomia” por parte dos praticantes de interpretarem e viverem a religião a seu modo. Entre as culturas jovens esta tendência tem sido percebida.

Hervieu-Léger usa o termo “desinstitucionalização”, que, segundo ela se caracteriza pela

perda da força da observância, o desenvolvimento de uma religião “à la carte”, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado.

Na desinstitucionalização a bricolagem e a reinvenção religiosa passam a circular livremente e cada um, individualmente, elabora seu sistema de crença à *la carte* e com aparente autonomia, totalmente à revelia da instituição religiosa. O estilo emocional e espetacular, a catarse, o mágico, a experiência íntima, a individualização e a livre disposição dos produtos religiosos por parte do crente são os critérios para a vivência religiosa, como aponta Bobsin

Lastreadas pela globalização, as ideias religiosas ou as mercadorias circulam livremente pelo mundo, com a diferença de que estas não sofrem prejuízos, ao passo que aquelas assumem novas características. Pode-se tomar como exemplo a idéia da reencarnação. Arrancada do mundo do hinduísmo, Índia, é reinterpretada por Allan Kardec na Europa do século XIX e resignificada pelo espiritismo brasileiro, sendo transfigurada pela *New Age*, perdendo, assim, não só o seu território e sua função social numa sociedade de castas ou hierárquica, mas também seus impulsos éticos.

Para falar do fenômeno, Hervieu-Léger usa a metáfora do *peregrino* e do *convertido*. Tanto o peregrino, quanto o convertido estão no centro como “protagonistas” do seu modo de crer. Ambos estão em movimento em nome da crença. Enquanto o peregrino circula na busca de elementos religiosos tradicionais combináveis com sua biografia, fazendo uma bricolagem, o convertido escolhe uma proposta na qual possa definitivamente se identificar e pertencer e que o envolva no mais profundo do seu ser, através da experiência. Para o convertido, já que a religião não muda mais o mundo, ela muda ao menos o indivíduo. Nesse sentido, a antropóloga Regina Novaes aponta

É nesta geração que se generaliza a possibilidade de se declarar “sem religião”, sem abrir mão da fé. “Ser religioso sem religião” significa, sobretudo, um certo consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural. Não por acaso, a Bíblia é o maior *best seller* do nosso tempo. Para ter acesso à Bíblia, os jovens brasileiros de hoje não precisam desconsiderar a autoridade dos padres ou pastores, nem precisam a eles se submeter. A Bíblia pode ser comprada em qualquer esquina e seus versículos são cantados nas letras de *rap* e aparecem escritos em *outdoors* no centro das cidades, nos muros das favelas e periferias. Expressando vínculos

institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa se faz presente em muitas expressões juvenis na área de arte e cultura.

Portanto, no contexto atual, religião torna-se um fator de escolha em uma sociedade que aponta para inúmeras possibilidades, mas que reduz o acesso e oportunidades. Em tal meio, a vivência religiosa desponta na geração jovem atual, vivendo a religião na vida cotidiana e na cultura, simplesmente, uma “religião vivida”.

●Religião vivida

Religião vivida nada mais é do que uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião. Nas manifestações da religião vivida se diluem as próprias fronteiras entre sagrado e profano. Importa, sim, o uso que as pessoas fazem de seus conteúdos e formas e a função da religião vivida na vida concreta.

Na década de 80, um estudo no Brasil do antropólogo André Droogers apontava para uma matriz cultural religiosa brasileira que ia além da instituição religião. Ele chamou este fenômeno de Religiosidade Mínima Brasileira (RMB). Segundo Droogers, a RMB, assume as seguintes características:

Trata-se de uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana. Ela faz parte da cultura brasileira. (...) ... a RMB não é o acervo ou mesmo matéria-prima da qual as religiões tiram seu repertório. (...) ... não tem clero, a não ser as pessoas que são os seus porta-vozes. Ela não tem escritura sagrada, a não ser os jornais e as revistas. Rituais são raros, mas *talk shows* na televisão podem acabar se tornando cultos da RMB. Ela não conhece hinos, a menos que certas músicas de Roberto Carlos sejam vistas assim.

A concepção de RMB de Droogers se aproxima muito, enquanto fenômeno, da chamada religião vivida. Ambas não existem enquanto tal. Trata-se, sim, de uma maneira de perceber manifestações do religioso no cotidiano das pessoas e na cultura pop. A religião vivida pode estar presente na literatura, nos super-heróis das histórias em quadrinho, na moda e em tendências de comportamento, na música, no marketing, nos sites da internet, no cinema. Como aponta Gräb:

Onde pois encontramos hoje pistas desta religião? Com certeza não apenas na Igreja. Podemos encontrá-la nas colunas de aconselhamento nas revistas e nas ilustrações dos personagens fictícios dos *comic strips*, nas páginas de horóscopo, e no vasto mercado dos livros esotéricos. Podemos encontrá-la nas artes plásticas com suas chocantes e questionáveis obras, apontando para nossa imperceptível transcendência cotidiana. Podemos

encontrá-la na terapêutica com sua oferta de vivência individual e meditações sincréticas. Podemos encontrá-la em facções políticas, que exigem relações de inclusão social e asseguram identidades pessoais. Podemos encontrá-la no consumo, através das propagandas com promessas religiosas. Podemos encontrá-la na indústria do turismo, no culto em torno à alimentação e aos exercícios físicos, que faz do paraíso uma promessa.

Como vemos, a religião vivida está incrivelmente relacionada direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente com as diferentes mídias. No estudo da chamada religião vivida, percebe-se que as mídias, em suas mais variadas formas e conteúdos, veiculam direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente mensagens carregadas de símbolos, proporcionam ritos e recontam mitos, que antes encontravam sua expressão na liturgia do culto dominical das igrejas, p. ex. Sacralizam, assim, o tempo e o espaço, virtual e real, cuidam do corpo e do espírito, imagens e hipertextos. As mídias orientam e dão sentido para a existência das pessoas, como uma verdadeira liturgia sendo “celebrada” e ritualizada nas telas dos dispositivos de tecnologia virtual, na vida cotidiana, na cultura pop. E mais ainda: na América Latina, esta nova “liturgia” vivida dá espaço e vazão para elementos como o sincretismo, a religiosidade popular, herética, subversiva, malandra, humorada, latina. Elementos banidos dos altares do culto oficial, livremente acessados pelas culturas jovens.

O religioso faz parte da vida. Como a vida e a mídia se fundem na atualidade, o religioso vivido se expressa através da mídia. É como se a TV, o cinema, as revistas, a internet, expressassem um tipo de devoção religiosa vivida, prática e presente, como se o culto acontecesse na cultura popular e no próprio cotidiano.

Esta maneira de perceber o religioso na e através da cultura não é algo novo. O teólogo alemão, Paul Tillich, no período entre as duas grandes guerras, desenvolveu a ideia de uma teologia da cultura. Segundo Tillich, a religião expressa a preocupação com aquilo nos preocupa em última análise, aquilo que preocupa o ser humano no mais profundo do seu ser. Buscamos em Deus a resposta diante desta preocupação incondicional da existência. Esta preocupação última rompe as barreiras de credos e religiões. É uma preocupação que vai além de conceitos como sagrado e secular. Com base nesta percepção existencial da religião, Tillich irá relacionar a religião à cultura: cultura

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso, evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente.

Tillich vê na produção artística – arte visual, música, literatura, poesia, arquitetura, dança - da primeira metade do século XX, uma reação criativa à euforia técnica da sociedade industrial de produção e consumo. Na sua visão, a produção cultural deste período, mais do que a teologia liberal produzida na Igreja e, em parte,

sintonizada com a sociedade industrial, era o espaço possível para expressão da angústia humana. Ou seja, a produção cultural clássica dá forma à religião, como expressão, linguagem da preocupação humana última. Para Tillich, “a cultura não era apenas o lugar onde a igreja vivia. Ela era também *locus* teológico, manancial de experiências revelatórias e espaço onde se manifestam sinais de buscas do Sagrado e rastros de contato com o Incondicional.” Por isso, a teologia da cultura, por ele desenvolvida, indica que a teologia deve tomar o imenso e profundo material da cultura, pois este é feito da substância religião e toda cultura nada mais é que a forma desta religião básica, humana.

A teologia da cultura se interessa pela qualidade reveladora da cultura, partindo da seguinte suspeita: toda criação artística, na medida em que provoca uma forte experiência estética, é uma revelação. [...] com a teologia da cultura ele buscou compreender melhor suas experiências, justifica-las teologicamente e fazer com que as experiências estéticas de outras pessoas pudessem também ser qualificadas e reconhecidas como religiosas, na medida em que delas irrompe uma percepção do poder ser, uma abalo existencial que provoca sensíveis mudanças no sujeito que as vivencia.

A Teologia da Cultura de Tillich enriquece o estudo do que aqui temos chamado de religião vivida, mesmo que esta nuance olhe intencionalmente à cultura pop, a tão criticada indústria cultural. Olhar para as manifestações religiosas da cultura como um todo, inclusive da cultura pop e midiática, é também uma forma de perceber elementos da preocupação última do ser humano. A religião vivida passa a ser, então, uma forma de rastrear o sagrado, nas entranhas da própria cultura pop e midiática, onde pulsa a preocupação última do ser humano.

Para a Teologia Prática, a religião vivida configura-se como uma nova tarefa: não só estudar e pensar da prática da Igreja, mas mapear e interpretar a religião vivida, como uma forma de refazer-se enquanto teologia que pensa a própria teologia e a prática da Igreja. Para o Ensino Religioso escolar, a religião vivida a partir da mídia, mostra-se como uma porta de acesso à religiosidade dos alunos e uma forma de acesso às grandes matrizes religiosas da cultura humana.

Estas manifestações da religião vivida estão especialmente presente na cultura dos jovens e adolescentes, como vimos no ponto acima. Eles, os jovens e adolescentes, tem sido em especial os mais resistentes a uma participação mais ativa no universo da religião-institucional, mas, paradoxalmente, são eles os que mais protagonizam esta “religião midiática” e este culto fora da Igreja. Por isso, de modo especial este estudo pretende focar o fenômeno neste contexto e a partir da realidade dos adolescentes e jovens. Estabelecer com eles um diálogo, estudando e analisando como alunos do ensino médio e do cursos técnicos e superior da IENH (adolescentes-jovens de 16 anos) entendem e vivem aspectos da cultura e da religião. Também com eles será analisada a recepção de propostas litúrgicas moldadas a partir da inter-relação entre elementos da liturgia e da cultura. Seria a religião vivida uma forma de religião?

•Religião vivida em um grupo de jovens do ensino médio

A pesquisa de campo com adolescente e jovens se divide em três partes. A primeira parte da pesquisa, cinco questões, além de identificar os jovens, busca mostrar a relação e o entendimento destes jovens em relação à religião institucional, bem como a vivência de espiritualidade e religiosidade. Quer-se aqui entender um pouco da identidade e da espiritualidade destes jovens e de sua prática religiosa institucional. A segunda parte, cinco questões, busca-se entender a vida cotidiana e um pouco da cultura dos jovens pesquisados. Já na última parte, 12 questões, procura-se averiguar o acesso, o uso e a função de quatro diferentes mídias: filmes, músicas, computador e tv. Busca-se averiguar, aqui, especificamente em que medida o acesso e os conteúdos de determinadas mídias consumidas por estes jovens representa algo religioso, no sentido daquilo que R. Alves define como religião.

Responderam a um questionário semi-aberto, 29 jovens, de 16 anos, masculino e feminino, estudantes do Ensino Médio, da Fundação Evangélica (IENH), na cidade de Novo Hamburgo/RS. O questionário foi respondido pelo grupo, durante o período de aula.

3.1 A religiosidade dos jovens

Quanto à religiosidade dos jovens pesquisados, obteve-se os seguintes resultados: Sobre a participação e o envolvimento com atividades e ritos religiosos e devocionais, apenas 7% dos jovens dizem que desenvolvem uma prática religiosa e devocional regularmente. 39% dizem participar eventualmente de alguma atividade religiosa em casa ou em alguma instituição religiosa. 16% se definem como religiosos, mas que não frequentam uma instituição religiosa ou aderem uma determinada prática devocional. 13% dizem que não frequentam instituições ou praticam algum rito religioso. Outros 13% dizem que praticam apenas a oração. Vemos, assim, que quase a metade (42%) participam regularmente ou eventualmente de alguma atividade ou prática religiosa. Um segundo grupo (29%) não pratica atividade ou frequentam uma determinada instituição religiosa. Destes, 16% definem-se como religiosos, mas que não desenvolvem uma prática religiosa.

Sobre a vida religiosa, em si, 55% a definem como pouco participativa ou inativa. 18% a definem como boa, que significa: rezam de noite ou vão à Igreja, com uma certa rotina, ou quando necessitam de ajuda. 7% dizem explicitamente que creem em Deus, mas não praticam uma religião. Quando perguntados diretamente sobre a crença em Deus, 93% dizem crer em Deus e, apenas, 7% afirmam que não. Isto confirma outras pesquisas feitas com jovens, no contexto brasileiro. Que Deus é este que se crê ou que não se crê, é algo a ser questionado. É o Deus bíblico, ou algo como uma força, energia cósmica? Dos que dizem crer em Deus, 85% definem Deus a partir de categorias bíblicas ou aproximadas, como um ser criador ou um ser próximo da pessoa.

Perguntados sobre a importância da Igreja e da religião, a maioria diz que a instituição é importante como espaço para a vivência e a participação da dimensão religiosa. Esta participação deve, no entanto, ser livre. Quando perguntados pela função da religião, as respostas são muito positivas. 61% dizem que a religião orienta e aponta para um sentido na vida, ajuda a ter fé, a ter critérios ético-morais.

•Vida, relação e cultura jovem

Sobre o cotidiano fora da escola é surpreendente o grande número de atividades realizadas por estes jovens. A maioria, 81% das respostas mencionam a academia e/ou atividades de atletismo (talvez na própria escola). Chama atenção que 9% mencionam acompanhamento psicológico. Perguntados sobre o que fazem nas horas livres, aparece uma variedade de atividades como sair com amigos, namorados, dormir ou não fazer nada, tocar violão, ler livros, realizar tarefas escolares, assistir filmes. Vários (13 respostas) usam o tempo livre no computador.

Sobre alegria e satisfação na vida, 76% colocam as pessoas (família e amigos) como resposta. 12% falam que o que dá satisfação tem a ver com atividades, determinados momentos, como leitura, diversão, prazer. 9% falam de sucesso e conquistas como algo que dá alegria. Sobre o que preocupa e assusta, 43% apontam o futuro (p. ex. o vestibular e a família). 28% temem perder alguém. 7% mencionam a violência, como algo que assusta. Sobre a base e sustentação da vida, a família e os amigos aparece em 76% das respostas. 14% colocam Deus e a família como base da existência. 7% em si mesmos e 3% em nada.

•Acesso, uso e função da mídia

No que se refere aos **filmes**, todos os jovens pesquisados assistem, sendo o gênero comédia o mais citado, seguido por ação, terror, suspense, romance, drama e outros. 44% dizem que além de assistirem filmes em casa, assistem também no cinema. 59% contra 41% dizem que os filmes impactam, sim, suas vidas. 83% das respostas confirmam que os filmes ajudam a viver. Destas respostas, 48% dizem que os filmes ajudam a valorizar as pessoas e a passar mensagens boas. 14% dizem que os filmes trazem lições de moral e que conseguem convencer porque a moral, a verdade, é trazida através de uma história. 14% afirmam a importância de ter outras visões de mundo, por meio dos filmes. Já 9% falam que os filmes dão exemplos de superação.

A lista dos filmes que impactaram os jovens é grande e variada. Assim também são variadas as justificativas. A questão existencial é a que mais aparece: Antes que o dia termine; A vida e morte de Charlie, Para sempre ao seu lado, p. ex. são destacados porque tratam da morte e da perda de quem amamos, o grande medo. O filme Click dá o recado de que a vida precisa ser aproveitada antes de perder as pessoas. A última música é uma história triste que mostra a rejeição de uma filha ao seu pai, que morre de câncer, no final. O menino do pijama listrado, além de ensinar sobre a época de Hitler, faz pensar na vida. Hair, fez pensar que apesar de todas as preocupações que temos não se igualam à dor da guerra. Sete vidas é uma história linda. Os demais filmes e justificativas são variadas: I love you, porque mostra o grande amor de um homem por uma mulher. Cisne negro, fez identificar-se com a personagem. Marley e eu, fez gostar de animais. O exorcismo, Harry Potter e a câmera secreta, provocou susto e medo. Outros filmes são simplesmente citados: Bastardos inglórios, Blade Runner, Curtindo a vida adoidado, Rec,

Temos pois, no caso dos filmes, um claro sinal de que os filmes são mais que apenas um entretenimento para os jovens. Filmes são exemplos para viver, apontam caminhos, ensinam e ajudam a reconhecer a própria história e personalidade.

Quanto à **música**, todos os investigados ouvem música e ouvem durante muitas horas no dia. 54% deles ouvem música de 2 a 3 horas por dia. 25% ouvem música uma hora por dia. E 21% ouvem música de 5 a até 10 horas por dia, ou seja, ouvem música

quase sempre quando estão acordados e/ou dormindo (um jovem diz que ouve música, com fones de ouvido, enquanto dorme). Surpreende aqui a quantidade de horas usadas para ouvir música. Sabe-se que muitos jovens ouvem música enquanto realizam outras atividades (deslocamentos, estudo, leitura, academia, sono, etc).

Perguntados sobre o estilo de música ouvido temos uma variedade. Apenas o funk é mencionado com o estilo que não faz parte do repertório. 27% respondem que o estilo que ouvem é eclético. 31% apontam o rock pop como o estilo preferido. 93% ouvem música em casa ou no carro. Perguntados sobre o impacto da música na vida, 86% dizem que a música impacta na vida, contra 14% que dizem que não. O que significa este grande impacto, não fica claro, aqui. A questão seguinte busca sondar esta função da música. 59% dizem simplesmente que a música ajuda a viver.

No caso da música, assim como do filme, o conteúdo é muito importante. Mais do que a música em si. Ouve-se música por prazer, como entretenimento, quando se está em casa ou á caminho, como um complemento para a vida. A música seria desempenharia quase o papel da música de fundo nos filmes e novelas. Mas também o conteúdo das músicas funcionam com um espelho de si e de sua história: as músicas fazem pensar, fazem refletir e pensar na vida, letras nos movem, representam momentos da vida, animam, trazem mensagens, expressam sentimentos, compartilham experiências de vida que já passamos, incentivam.

Da mesma forma que as mídias anteriores, todos os jovens pesquisados dizem que usam o **computador**. A maioria usa o computador de 1 a 4 horas diárias. Quanto ao tipo de uso feito, as redes social (Facebook, Twitter e Tumblr) representam 70% das respostas. Outros usam também o computador com ferramenta e suporte de estudo e um grupo menor como forma de entretenimento. O impacto do computador – site ou programa – na vida é um fato para apenas 38%. Por outro lado, 61 % reconhecem que determinados sites e programas ajudam a viver. Os motivos, no entanto, são pragmáticos: baixar materiais (músicas, p. ex), tirar dúvidas (Google), distrair e auto ajuda (Tumblr, p. ex.).

Chama a atenção que o Tumblr impacta na vida (30%) porque lá as pessoas escrevem o que realmente sentem, expressam sentimentos e medos livremente. Novamente aqui, como no caso dos filmes e, em parte das música, temos uma mídia ajudando os jovens dando um modelo, um exemplo a ser seguido ou, simplesmente, um espelho, através do qual pode-se reconhecer a própria vida e a própria caminhada.

No que se refere à **Tv** temos também um grande número de acesso. 58% assistem Tv de 1 a 2 horas diariamente e 25% de 2 a 4 horas. A maioria dos programas assistidos são novelas, seriados e telejornais. A seguir são mencionados desenhos animados, esportes e filmes. Diferente dos filmes, em si, para a maioria dos jovens (72%), a Tv não impacta suas vidas. Dos 28 que disseram que sim, os programas citados foram: as séries House, Friends, Dexter, Scrubs e programas de esporte. Novamente aqui, os motivos, estão relacionados à modelos e exemplos de vida, formas de lidar com as relações, apontar alternativas, ensinar coisas da vida, superação.

Da mesma forma que a questão anterior, para apenas 21% os programas ajudam a viver. Neste caso, a fundamentação está relacionada a questões práticas como informação e diversão ou, novamente, ajudar a entender a vida, apontar caminho, dar exemplos de persistência, p. ex.

•Análise da pesquisa e conclusões

A pesquisa realizada confirma o que aparece em outras pesquisas: jovens acreditam em algo (ser, energia) transcendente, são religiosos mas não se veem necessariamente ligados a uma instituição ou a uma prática religiosa tradicional, determinada. Chama a atenção nesta pesquisa que há um número relativamente alto de jovens (42%) que participam regularmente ou eventualmente de alguma atividade ou devoção. Muitos citam que o fazem acompanhados pelos pais ou avós. Como têm 16 anos, talvez sejam ainda levados a participar destas atividades.

Em relação à instituição religião e à Igreja há uma visão bastante positiva por parte dos jovens. A religião e a Igreja alimentam a espiritualidade. É um reservatório de conteúdo e espaço para experiências e vivências, mesmo que eles mesmos não parecem tão convictos a participar desta instituição pessoalmente. Esta visão positiva deve ser investigada. Haveria um retorno dos jovens às igrejas?

Quanto à vida diária, confirma-se uma cultura de adolescentes e jovens de classe média-alta, que dispõe de tempo exclusivo para estudar e dedicar-se a outras atividades formativas como cursos de idiomas e de música e o cuidado de si, como academia e a psicologia. São jovens atarefados e ocupados, mas que podem também curtir a vida, com amigos, familiares, dormir e não fazer nada, fazer o que gostam. Os jovens se apoiam fortemente na família. São dependentes da família não só financeiramente, mas também emocionalmente. Mesmo assim, são jovens inseguros diante do futuro. Temem que não saibam dirigir suas vidas, até aqui conduzidas pelos pais e compartilhada por amigos, que vivem na mesma condição. Por isso, o maior temor é perder as pessoas que amam, algo que no futuro, de alguma maneira, terá que acontecer.

São jovens com amplo e livre acesso às mídias, principalmente aos filmes (casa e cinema), à música de vários estilos e às redes sociais e a outros programas de computador. Consomem os materiais e conteúdos veiculados pela mídia.

Não é possível fazer uma relação direta entre a religião e a mídia. Seria simplista e até tendencioso. Ou seja, não é possível dizer que os jovens pesquisados alimentam e exercitam a sua crença, sua espiritualidade em conteúdos da mídia, como filmes, séries de Tv e músicas, como eram uma das hipóteses da pesquisa. O que fica evidente, no entanto, é que a mídia, principalmente os filmes, séries de Tv, as letras das músicas, conteúdos do Tumblr, ajuda os jovens a viver, dando-lhes, a partir de suas narrativas ficcionais ou reais, exemplos e orientação para lidar com questões existenciais, relacionais e emocionais da vida. Exatamente aqui encontramos a religião.

A religião institucional foi por gerações o espaço e o meio para lidar com questões existenciais, relacionais e culturais. No caso da Igreja, a participação na vida comunitária, no culto, nos grupos e ações externas da comunidade e a adesão consciente de seu código de crença e valores, ajudavam as pessoas, nas diferentes faixas etárias, a viver. A Igreja possibilitava uma clara orientação para viver. Como a adesão hoje tornou-se facultativa e pessoal (ver os estudos de Hervieu-Léger, acima), onde buscar referenciais para viver? Parece-nos que os jovens pesquisados nos dão uma resposta. A mídia ajuda, hoje, a viver. Através de conteúdos midiáticos eles podem espelhar e orientar suas vidas. Encontram nas narrativas da mídia suas próprias histórias de vida, orientação e ensinamento para situações a serem enfrentadas agora e no futuro.

Neste sentido, a mídia tornou-se muito mais pragmática do que a Igreja. Se, porém, consideramos a crença dos jovens pesquisados (93% dizem crer em Deus) e se tomamos a definição de Alves de religião como extensão do ser humano para além dos limites da realidade, vemos, que o religioso da mídia não é apenas algo pragmático, mas também um espaço de iluminação para a vida frente às limitações e angústias da vida, também de jovens com bons recursos de vida. Para jovens que vivem um fé independente de instituição, é a mídia e seus produtos que dará a orientação e a afirmação para viver. Neste sentido, a mídia ocupa o mesmo papel que o culto ocupava na Igreja: orientação, afirmação, expressão e comunhão.

A teologia prática e a liturgia da Igreja deveriam levar a sério estas considerações e refletir em que medida o culto poderia dialogar com esta religião vivida. Considerando a simpatia dos jovens pela religião e a igreja, em que medida elementos das mídias poderiam ser trazidos para dentro dos cultos da comunidade, engendrando, assim, novas formas de culto voltadas para os jovens. Em que medida e como o culto poderia ocupar espaços nas mídias acessadas pelos jovens. São questões a serem pensadas, pela teologia prática e pela Igreja.

Que nenhum esquema simplista nos prenda, mas, que, com liberdade, possamos buscar caminhos desconhecidos. Que no cultivo da fé, do amor, da amizade e vida em grupos possamos enxergar as relações reais, do *face-a-face* que nos levam para além da família, da igreja como instituição. A convivência com o plural influencia na vivência de forma convicta da fé e torna-nos seres comprometidos com a sociedade.

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 99-138.
- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 4 ed. Campinas: Papirus, 1988. p. 19ss.
- BARBOSA, Livia. (Org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina/Universidade. 2012.
- BECKS, Hartmut. *Der Gottesdienst in der Erlebnisgesellschaft*. Waltrop: Spenner, 1999.
- BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo/Curitiba: CEBI/IEPG/PPL, 2002.
- BOLTZ, Norbert; BOSSHART, David. *Kult marketing: die neuen Götter des Marktes*, Düsseldorf: Econ, 1995.
- CALVANI, Carlos E. Momentos de beleza: teologia e MPB a partir de Tillich. In: *Portal de Publicações Científicas*, n. 8. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio08/momentos-de-beleza-2013-teologia-e-mpb-a-partir-de-tillich> Acesso: 21/03/2010.
- CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da arte: Espiritualidade, Igreja e Cultura a partir de Paul Tillich*. São Paulo: Paulinas/Fonte Editorial, 2010, p. 60.
- CORNEHL, P. Theorie des Gottesdienst. In: *Theologie Quartalsschrift* 159, 1979. 178-195.

- CORNEHL, Peter. *Die Welt ist voll von Liturgie: Studien zu einer integrativen Gottesdienstpraxis*. Stuttgart: Kohlhammer, 2005.
- DROOGERS, André. Religiosidade Mínima Brasileira. *Religião e Sociedade*, v. 14, Caderno 2, 1987.
- EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- FAILING, Wolf-Eckart; HEIMBROCK, Hans-Günter. *Gelebte Religion wahrnehmen: Lebenswelt, Alltagskultur, Religionspraxis*. Stuttgart : Kohlhammer, 1998.
- GALINDO, D., GUSSO, A. C. Quando o sagrado vira moda. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Orgs.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2007. p. 62-78.
- GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, jul./dez. 2009.
- GRÄB, Wilhelm. Auf den Spuren der Religion. *Zeitschrift für Evangelische Ethik*, n. 39, 1995, p. 43-56.
- GRÄB, Wilhelm. *Lebensgeschichten, Lebensentwürfe, Sinndeutungen: eine praktische Theologie gelebter Religion*, 2. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlag, 2000.
- GRIMES, Ronald L. Emerging Ritual. In: GRIMES, Ronald L. *Reading, writing, and ritualizing. Ritual in fictive, liturgical and public places*. Washington, D.C.: The Pastoral Press, 1993, p. 23-37.
- HERRMANN, Jörg. *Sinnmaschine Kino: Sinndeutungen und Religion im populären Film*. Gütersloh: Kaiser, 2000.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KIRSNER, Inge. Film, Fragment, Fraktal: eine kleine Kino-Apokalypse. In: STOLT, Peter; GRÜNBERG, Wolfgang; SUHR, Ulrike (Hrsg.). *Kulte, Kulturen, Gottesdienste : öffentliche Inszenierung des Lebens*. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1996. p. 50-62.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MARSH, Clive. *Theology goes to the movies: an introduction to critical Christian thinking*. London/New York: Routledge, 2007.
- MAZZARELA, Sharon R. *Os jovens e a mídia: 20 questões*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

NOVAES, Regina R. *Os jovens “sem religião”*: ventos secularizantes. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, no.52, p. 321-330, 2004.

REBLIN, Iuri Andréas. *Para o alto e avante*: uma análise do universo criativo dos super-heróis. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

REBLIN, Iuri. *Planeta diário*: rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia. São Leopoldo: EST, 2013.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem*: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. „*E o verbo se fez bit*”: uma análise da experiência religiosa na internet. São Leopoldo: Unisinos/IHU, 2012.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

FACE'S & FACE'S: RELIGIOSIDADE DOS ACADÊMICOS DE DIREITO DO VALE DO JURUENA/MT

Cristiano Norberto Tomasini - Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena - Juína-MT (tomasinien@yahoo.com.br)

Ms. Marina Silveira Lopes - Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena - Juína-MT (marinaslopes@terra.com.br)

Sônia Mara Rogoski – Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena - Juína-MT (smrogoski@hotmail.com)

Resumo

Desde as mais antigas das civilizações, observa-se diversos tipos de adoração, que trouxeram as mudanças de hábitos bem como novos hábitos. Tais ritos, e sua maioria, estavam atrelados ao contexto religiosos, mostrando a dialética entre religião e o ser humano. Nos dias atuais a internet, tornou-se um dos meios de comunicação mais importantes da sociedade mundialmente. Através dela, e em especial, das redes sociais a comunicação entre as pessoas tornou-se sem fronteiras. Tal como nos primórdios, todo contato imediato, via web, também impôs mudanças de hábitos, inclusive no campo religioso. Com o intuito de levantar subsídios do campo religioso de Juína/MT, buscamos, aqui, a análise das postagens no *Facebook* de um grupo de dez acadêmicos do curso de Direito conforme calendário 2014/01. O recorte temporal dar-se-á no período de 15 dias face esse grupo ter se utilizado cotidianamente desse site de relacionamento como meio de divulgação e propagação de suas crenças religiosas, onde muitas vezes manifestam-se contra essa ou aquela religião. Procuramos refletir até que ponto esse viés religioso poderá interferir em uma postura profissional, pois diante de um Estado Laico, como é o caso do Brasil, o profissional do direito, é alvo de imparcialidade em suas decisões, e isso atinge o campo religioso em interação com o jurídico.

INTRODUÇÃO

Enquanto a Revolução Industrial demorou vários séculos para se espalhar pelo mundo, a tecnológica levou apenas duas décadas. A revolução tecnológica, que vivenciamos traz em seu bojo a maneira pela qual utilizamos o conhecimento e a informação e que juntos promovem uma capacidade veloz de criar mais conhecimentos e informação para retroalimentarem um processo contínuo inovação. Com essa rapidez e voracidade pelo conhecimento e informação o mundo atual e o seu cotidiano estão passando por uma profunda mudança nos campos da cultura, economia, comunicação, política e nas relações pessoais, interpessoais e intrapessoais. O uso da internet propagou isso.

A internet surgiu durante a Guerra Fria. Entretanto, no início da década de 1990, com o fim da bipolaridade militar EUA x URSS, ela começou a tornar-se popular. Tim Bernes-Lee, criou a World Wide Web – WWW que possibilitou a interação gráfica e a criação de sites mais dinâmicos. Com o aprimoramento de novas ferramentas de navegação, ela expandiu-se rapidamente. As facilidades trazidas, por essa nova ferramenta de comunicação, integração e informação atraiu, inúmeros usuários em todas as camadas sociais. Dos anos 1990 para cá, esse ciberespaço cresceu assustadoramente, não só pelo campo de trabalho, como pelo no entretenimento, político e até de relacionamentos pessoais, criando-se comunidades virtuais atuantes e

influentes ultrapassando as fronteiras da virtualidade e ditando novas regras, novos comportamentos e novas culturas.

Com a criação desse “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 2009 p. 92) o computador “não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal e calculante”. (LEVY, 2009 p.44). Coloca ainda, que nele há uma combinação de interfaces e dispositivos que se interagem tais como: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou de trabalho cooperativo.

A navegação compulsória nos ciberespaços, no Brasil, foi impulsionada pela febre das redes sociais que começaram por volta de 2006, quando o site *Orkut* passou a fazer parte do cotidiano do jovem brasileiro, principalmente. Nos anos seguintes, esses tipos de sites foram aprimorando-se. Eclodiram outros mais eficientes e interativos, com vivências virtuais em tempo real, como os avatares. Hoje, perdemos as contas desse que circulam na rede e são acessados e compartilhados diariamente, tais como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *LinkedIn*, *MySpace*, *Tumblr*, *Skoob* entre outros.

Essas novas possibilidades ciberespaciais, a rede social, *facebook* tem sido uma das mais requisitadas do mundo e dos brasileiros também, principalmente os das classes B e C. Nele tudo pode ser discutido, de moda ao futebol, de doenças sexualmente transmissíveis à religião. E, é exatamente no curtir, compartilhar e postar assuntos do campo religioso no *facebook* direcionamos a nossa pesquisa, que para sua execução, selecionamos um grupo de dez acadêmicos de Direito da única faculdade presencial da cidade de Juína, na região noroeste do estado do Mato Grosso. Durante os primeiros quinze dias do semestre letivo de 2014, os posicionamentos desses alunos foram netnografados na rede social em questão.

A pesquisa se fez necessária, pois percebemos que o município de Juína apresenta traços marcantes, ainda de sua colonização sulista a partir dos anos 70. Notadamente, nessa época vieram os católicos e os protestantes dos estados da região sul, essa onda migratória dividiu o campo religioso em católicos e protestantes, impossibilitando a manifestação de outras religiosidades sem que sejam rotuladas e pré-conceituadas. (LOPES e SILVA, 2013).

Vemos, então, em Juína, um campo religioso que não se reconhece na laicidade do Estado Brasileiro. O preceito de laicidade em nosso país encontra-se na Constituição Federal de 1988, isso implica que, as religiões não podem normatizar a esfera pública, limitando-se a recomendar algo no sentido religioso aos seus fiéis, e o Estado não pode intervir na religião dos cidadãos, pois essa discussão é de âmbito privado, e não estatal.

A partir do momento que o Estado baseia-se na ordem religiosa, os indivíduos necessitam agir em conjunto, pensando no princípio da igualdade, unicidade. Haverá desse modo, apelo ao sobrenatural, a um ser maior, uma divindade, para que todo ser humano creia tão somente naquele *maior de todos*.

Com o caráter de um Estado laico, separa-se e distingue-se este, da religião. Permite a escolha individual, viver a diversidade e pluralidade humana. O cidadão que decidirá em que crer ou não crer, e modo da manifestação dessa fé.

O Estado, quando laico, promove o respeito à dignidade da pessoa humana, reconhecendo cada ser humano com sua autonomia de decisão, a igualdade, a cidadania,

propiciando a construção da paz social, reconhecendo os cidadãos como capazes de viver o respeito aos outros, modo assim de viver por convicção íntima do cidadão, e não de imposição do Estado.

1. O CIBERESPAÇO E CONFISSÃO RELIGIOSA: A RETÓRICA CRISTÃ COMO ARGUMENTO DE MANUTENÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO DE JUÍNA

O município de Juína localiza-se a Noroeste do Estado a 720 km da capital Cuiabá, sua localização é privilegiada, sendo Polo Regional dos municípios de Brasnorte, Castanheira, Juruena, Cotriguaçu, Colniza, Aripuanã e Rondolândia. Vide figura 1.



Figura 1: Localização do Município de Juína – MT

Fonte: www.juina.mt.gov.br/, 2014.

O território juinenese é de 26.189,63 Km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), dos quais 60% é pertencente os povos indígenas, a cidade teve origem na década de 1970, com a construção da Rodovia AR 1, ligando os Estados de Mato Grosso à Rondônia, inicialmente Juína fora criada para a produção agrícola.

A CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso foi a colonizadora responsável pela distribuição e venda dos lotes, onde os proprietários comprometiam-se em residir como suas famílias e explorar de forma racional os recursos naturais que a terra possuía. Assim, em 1976, se inicia o Projeto Juína, que pela aprovação do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Somente em 09 de maio de 1982, pela Lei 4.456, Juína ganha *status* de cidade. A partir daí Juína, se torna um bem sucedido projeto de expansão territorial e populacional, muitas famílias vieram e com elas o progresso. Seus, migrantes, em sua maioria vieram da região sul do Brasil, basicamente católicos e protestantes, como os luteranos e batistas.

Em meados dos anos 1980, com a descoberta de jazidas diamantíferas, ela se torna a maior produtora de diamantes do país. Juína passa a crescer desenfreadamente, a população crescia a cada dia. O fluxo migratório, nesse período, divergiu de vários

estados brasileiros, consolidando o campo religioso juinense, com a chegada de evangélicos das mais variadas igrejas.

A tabela 01 nos mostra a divisão do campo religioso no estado do Mato Grosso e o município de Juína. Ratifica a predominância de católicos na sociedade, ainda que venha decrescendo seus adeptos no país.

RELIGIÃO	Mato Grosso	Juína
Católicos	70,63%	66,72%
Evangélicos	21,33%	20,94%
Espíritas	0,77%	0,53%
Umbanda e Candomblé	0,03%	Sem dados
Outras religiosidades	1,51%	Sem dados
Sem religião	5,42%	9,69%

Tabela 1: Distribuição do Campo Religioso

Fonte: IBGE, 2010

Podemos perceber que os praticantes da Umbanda e Candomblé são inexpressivos para o Estado e para o município. Essa proporção no município tem muito a se relacionar com o espaço vivido da população, pois, segundo o IBGE (2010), o município conta com 39.255 habitantes, com uma densidade demográfica 1,5 hab /km², sendo que apenas 5.295 pessoas habitam o espaço rural. E, para cada comunidade é destinada uma igreja católica.

Entretanto, mesmo as comunidades mais isoladas com um pouco mais de dificuldade de infraestrutura, com relação à área urbana, tem a possibilidade de se conectar no ciberespaço.

1.1. AS REDES SOCIAIS NOS REUNIRAM NO AMOR DE CRISTO

Conforme dados da pesquisa, intitulada Papo Social, realizada pela *Hello Research*, o *Facebook* lidera como sendo a rede social mais utilizada pelos brasileiros, em todas as regiões do país e níveis socioeconômicos, com a adesão de 84% dos usuários, com perfil ativo, as mulheres são a maioria (53 %), a faixa etária de idade é a chamada Geração Y (16 a 30 anos), é a que mais interage na rede social com 60 % dos usuários pesquisados.

O perfil socioeconômico, conforme gráfico 1, a classe C predomina no *facebook*. Com 50% dos usuários, classe A e D é minoria, não havendo dados disponíveis na pesquisa, 42% são da classe B.

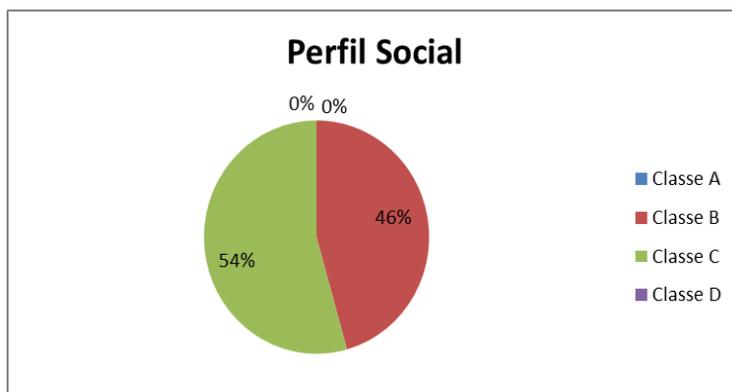


Gráfico 1: Perfil Social

Fonte: ROGOSKI, S.M, 2014 Adaptada Agência *Hello Research* , 2013

Percebemos, também, que na rede social *facebook*, as classes A e D, posições extremas de nossa sociedade, não se utilizam expõem muito nesse tipo de ciberespaço. A primeira que pelo poder aquisitivo e, possivelmente, por questões de segurança, ou ainda, por não concordarem da maneira pela qual se propagou o uso dessas redes sociais no país. Já, a classe D, sem acesso ao uso da tecnologia face ao baixo poder aquisitivo, ficam excluídas também, do processo. A classe B e C devido à ascensão econômica se tornam a classe dominante do mundo virtual e alvo de todos os tipos de abordagem, desde vendas até envolvimento amorosos com pessoas de outros países, face a facilidade de aprender o inglês. Idioma fundamental, para a navegação no ciberespaço.

Os assuntos mais amados (♥) pelos usuários dessa rede social são sobre humor, trabalho, esporte, autoajuda, religião, novela, sexo, política. Vide gráfico 2. Na contemporaneidade, com o avanço tecnológico, a mídia tornou um caminho de expressão de fé, desse modo, o usuário constrói e expõe sua identidade religiosa e por essas postagens podemos identificar o seu perfil religioso.

Gráfico 2: Principais temas de procura dos usuários

Fonte: ROGOSKI, S.M, 2014 – Adaptado Agência *Hello Research*,2013

A religião aparece em 5º lugar, entre os usuários, como assunto amado para discussão no *facebook*, alguns somente gostam já outros debatem sobre o tema, sendo as mulheres a maioria. A classe C, novamente lidera as discussões. A maior aceitação, do tema, é nas regiões Norte e Centro-Oeste do país. A faixa etária que concentra, monopoliza essa temática está entre 31 a 40 anos.

A região Centro - Oeste tem o maior índice de usuários do face que se declaram bem humorados, com 77% dos entrevistados.

Ainda na região CO, estão os perfis que mais curtem o assunto autoajuda na rede social *facebook*, com 68% dos usuários. É também na região central do país e a região norte, é onde estão a grande maioria dos noveleiros da rede social.

Na região sul, o índice de rejeição é alto; do total dos 1,3 mil pesquisados 32% não gostam de discutir religião. Conforme gráfico 3.

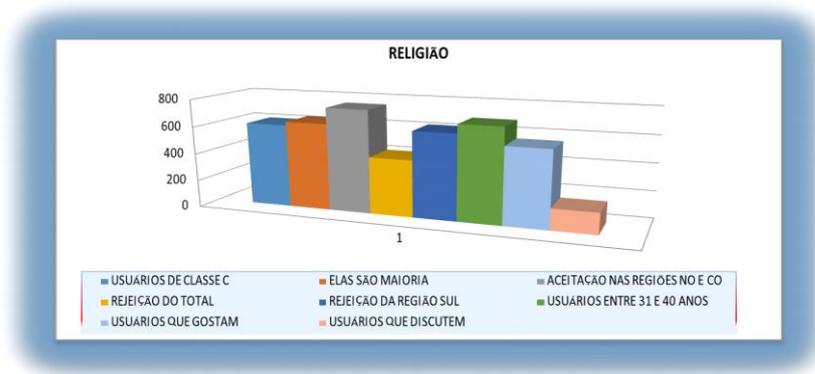


Gráfico 3: Análise Religião

Fonte: TOMASINI, C. 2014. Adaptado da Agência *Hello Research*, 2014

Podemos perceber que as redes sociais servem cada vez mais como parâmetros para identificar comportamentos e coletar informações. O assunto religião também se manifesta nesse cenário digital. Ainda novo para muitos, mas para os conectados nas redes sociais, esse assunto está na pauta das discussões.

Saindo do templo físico, da manifestação que acontecem nas reuniões, nas missas e cultos, do encontro restrito aos membros presente neste espaço, e ganha o ciberespaço. Deixa o plano físico, e ganha o mundo virtual, o ciberespaço.

Com essa profusão de encontros ciberespaciais, procuramos identificar se há ou não uma mudança no comportamento religioso de dez acadêmicos de Direito, uma vez, que esses futuros profissionais precisam entender e promover a laicidade no Estado brasileiro, para que não incorramos numa intolerância religiosa velada e que a pluralidade religiosa brasileira seja sufocada. Essa pesquisa teve um recorte temporal entre os dias 08 a 22 de fevereiro de 2014. Foi feito o monitoramento investigativo da rede social *facebook*, pelo método netnográfico.

Elencamos esse período, uma vez que, o mesmo grupo, manifestou-se de maneira enfática e participativa ao longo do semestre 2013/2, provocados pelas discussões alusivas ao tema na disciplina de Antropologia Jurídica. Os referidos acadêmicos, fomentaram discussões e postagens de charges, vídeos e reportagens de cunho religioso, contribuindo significativamente para o enriquecimento de discussões e

conhecimento, desmistificando muitos pré-conceitos instituídos desde os princípios da colonização da região.

Ressaltamos que o método netnográfico foi aplicado por ser o mais qualificado para as análises dos dados expostos nos perfis *facebookianos*. A netnografia direciona uma abordagem nas mesmas características do método etnográfico que corresponde “aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição do trabalho de campo”, (LEVY STRAUSS 1970, p.377), com o intuito ao estudo das práticas, das interações, dos usos e das apropriações de meios por grupos e comunidades situadas no universo virtual (REBS, 2011).

Com o intuito de refletir até que ponto esse viés religioso poderá interferir em uma postura profissional, pois diante de um Estado Laico, como o brasileiro, o profissional do direito, é alvo de imparcialidade em suas decisões, e isso atinge o campo religioso em interação com o jurídico. São questões que devem transcender a individualidade sobre a coletividade, são interesses do outro, que o profissional jurídico estará tomando um juízo de julgamento, de defesa ou acusação.

1.2. FACEBOOK GRAÇAS A DEUS

A turma, em questão, é composta por 32 acadêmicos, sendo dezessete do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Colocamos, aqui, a escolha foi aleatória, foi pesquisados, os alunos que mais se manifestaram sobre o tema, no período. Inicialmente, pretendíamos analisar dez alunos do grupo, entretanto, foram sete acadêmicos que mais se manifestaram no período em análise, sendo apenas um do sexo masculino. A faixa etária ficou entre 18 e 40 anos. Entendemos que o espaço amostral é reduzido em face de abrangência do *facebook*, porém é significativo para um posterior aprofundamento da pesquisa e acompanhamento do campo religioso de Juína.

Dos sete perfis selecionados, foram coletadas dezoito postagens, dentre aquelas feitas pelos próprios usuários ou de conteúdos (*links*, fotos, vídeos etc.) de outras páginas compartilhadas. Desses, dois são evangélicos e cinco católicos. Será feita a análise de seis postagens, separando-as conforme a religião professada pelo acadêmico. O número de postagem foi bem menor ao daquele do final do semestre/2013. Desse grupo analisado, o acadêmico do sexo masculino foi o mais assíduo e enfático em suas discussões, tornando-se até o moderador de um grupo de discussões, via *facebook*, abordando religião, política e justiça. Vide gráfico 4.

Gráfico 4: Perfil das Postagens, via *Facebook*

Fonte: ROGOSKI, S.M, 2014

A internet tornou-se um valioso propagador da fé, religiosos de diferentes doutrinas, usam o mundo virtual para atrair cada vez mais fiéis e, muitas vezes exaltar a sua religião em detrimento à outra. A internet amplia o alcance da mensagem, como também permite a interação entre os usuários, a forma de pensar seja católica ou

evangélica está na mesma forma que as doutrinas pregam só que com as redes sociais, amplia-se a propagação e divulgação da religião.

Com o objetivo de levar a mensagem para todos em qualquer lugar, o mundo virtual é um veículo poderoso de manutenção da fé e expressão da crença e, nem sempre os evangelizadores virtuais se atem ao respeito, a autonomia do outro. Nesse novo contexto evangelizador, as facilidades e a multiplicidades de propagar a sua religião fica potencializada e globalizada. Com essa flexibilidade as religiões mudam, se adequam ao *ethos* ciberespacial.

Pois como as redes sociais, em especial o *facebook*, tornaram-se meio de evangelização, cada pessoa se torna um evangelizador, e se de fato acreditam que a evangelização não está na esfera privativa e delegada a uma pessoa, o pastor ou o padre, por exemplo. As Igrejas precisam adequar-se ao novo momento.

A figura 2 é de um perfil de uma usuária católica, casada, mãe, 40anos, suas postagens em sua maioria com devoção a Nossa Senhora Aparecida e de Fátima. Em discussões anteriores houve sempre a argumentação, a partir da invocação dos princípios bíblicos, a cerca da morte de Jesus Cristo para a salvação da humanidade.



Figura 2: Perfil católico

Fonte: ROGOSKI, S.M, adaptado

Essa imagem, por ela compartilhada no *facebook*, é de outro perfil da rede intitulado João Paulo II, aqui há uma mensagem de fé em um *Pai*, divino, acolhedor e protetor ao qual, lhe será a guia pelo caminho que escolher. E, salva em qualquer escolha que fizer.

A figura 3 foi postada por uma usuária que posta com frequência mensagens religiosas. É uma jovem com 21 anos, solteira. A figura 3 traz uma citação da passagem bíblica de Coríntios, isso nos passa a ideia que os costumes e a tradição não podem ser mudados.

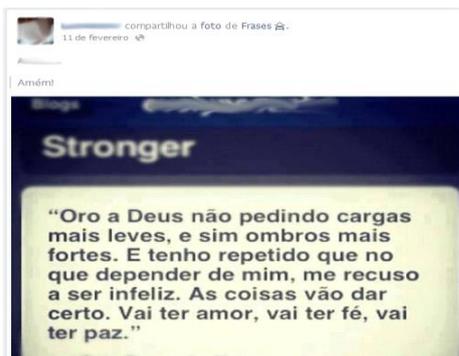


Figura 4: Perfil católico

Fonte: ROGOSKI, S.M, adaptado

A figura 4 é interessante, a usuária é casada, sem filhos, tem 20 anos, a sua postagem é intitulada como sendo do poeta Caio Fernando Abreu (1948 – 1996), tendo controvérsias, face ter-se tornado um ícone na rede e várias frases de impacto serem atribuídas a sua autoria. Uma vez que Caio costumava escrever sobre: [sexo](#), de [medo](#), de [morte](#) e, principalmente, de angustiante [solidão](#). Entretanto, a frase postada foi dada como autoria do mesmo. O que nos chama a atenção, que mesmo evidenciando o campo religioso, a usuária, não faz questão alguma em saber sobre a origem daquele que propaga a fé.

Já a figura 5 foi postada por uma jovem de 28 anos, solteira, viveu em uma família católica, professa essa fé. Entretanto, a mensagem é de Zíbia Gaspareto, uma líder religiosa no campo do espiritismo kardecista. Em conversa pela chat, a mesma, sabe quem é a autora e a qual religião pertence e, manifestou seu interesse em conhecer o kardecismo, mas, face o campo religioso a qual está inserida pela família, faz com que ainda não se sinta preparada para envolver-se em outras experiências epifânicas. Existe um profundo desconhecimento de outras religiões no seio familiar juinenese. As suas postagens são em sua maioria em referências ao Padre Fábio de Mello (vídeos, e citações). Em sua postagem houve nove curtidas. Importante ressaltar, que da turma que fora analisada, há uma espírita kardecista, mas essa não posta ou compartilha mensagens do segmento religioso.

A figura 06, postada pelo único perfil masculino, que realizou postagens durante a pesquisa, esse usuário é da Congregação Cristã no Brasil, tem 19 anos, solteiro, recentemente batizou-se nessa igreja, porém já congregava nela, digamos que conforme nos relatou, sentiu a presença do Espírito Santo em um dos cultos, durante a celebração de batismo. Decidiu se batizar, no chat explicou que vivenciou uma experiência epifânica, única, e desde então sente em alegria com Deus, passou a frequentar assiduamente, cultos, ensaios e orações da igreja. A postagem foi marcada com 30 outros membros da Igreja da Mocidade (grupo de jovens), houve 56 comentários em dois (2) dias, exaltando o poder de Deus, a fé.



Figura 6: Perfil católico

Fonte: ROGOSKI, S.M, adaptado

A figura 7, com 10 curtidas, nos remetendo ao pensamento do filósofo francês Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*. Na obra, ele analisou e explicitou de que as formas de pensamento são também relação de poder e que implicam na coerção e na imposição. Os processos disciplinares empregados nas prisões, são exemplos da imposição às pessoas de padrões normais de condutas estabelecidas. A disciplina é vigilância perpétua e constante, vigiar durante todo o tempo, pois a interpretação que a imagem nos dá é de que se deve estar sempre em alerta, pois “Vigiai, portanto, porque não sabeis o dia nem a hora [...]” da vinda de Deus, o juízo final, a morte, então a necessidade de constante vigilância, permanentemente.

A figura nos mostra, que mesmo nos momentos de lazer e descontração o pensamento em Deus é obrigatório, por isso a vigilância constante. Para ter a certeza absoluta que após a morte terá o gozo eterno do paraíso junto a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ciberespaço e a Evangelização parecem a princípio serem antagônicas, pois enquanto uma de encontro virtual, com várias possibilidades de profetizar, a outra promove o encontro pessoal.

Devido às novas tecnologias da atualidade que está em constante movimento, acontece no campo da evangelização essa atualização também. De modo a tornar tão natural esse apoderamento da nova realidade, tornando o ciberespaço em um lugar de fé, de religiosidade.

Valendo-se da *netnografia*, percebemos que a rede social *Facebook* é um potencializador do processo de evangelização, por ser um meio de comunicação interativo, dinâmico e ao alcance de muitos jovens, assim é um espaço de discussão, integração, aprendizagem, ensinamento, estabelecendo laços e ampliando a realidade pelo ciberespaço, em destaque o *Facebook*, os jovens o utilizam, levando a fé, a religião a todos, em toda a parte do mundo.

Diante das discussões e análise das postagens podemos dizer que os acadêmicos em análise, possuem uma postura tendenciosa no julgamento, defesa ou acusação baseada ainda nos princípios doutrinários da profissão de sua fé. Isso é preocupante, sendo o Brasil um país laico, conforme nossa legislação vigente. Implica um julgamento com imparcialidade e sem ser tendencioso, ser tão somente jurídico, aplicando-se a lei, a norma jurídica.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

DUMAS, Véronique Dumas. **A origem de Internet**. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html. Acesso em: 20 Fev, 2014.

FISCHMANN, Roseli. **Estado laico, educação, tolerância e cidadania: para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé**. Roseli Fischmann – São Paulo: Factash Editora, 2012. Disponível em <http://www.hottopos.com/ebooks/ESTADO%20LAICO.pdf>. Acesso em: 20 Fev, 2014.

FOUCOULT, M. **Vigiar e Punir: História da Violências nas Prisões**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

GUEDES, Maria Luiza (PUC/SP). **Pós-Modernidade, Religião e Educação: Desafios Epistemológicos**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st4/Guedes,%20Maria%20Luiza.pdf>. Acesso em: 29 Fev, 2013.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **O uso religioso da Internet no Brasil**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/download/15/17>. Acesso em: 20 Fev, 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História. Raça e Ciência I**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970

LOPES, Fernanda Lima. **Caminhos e formas de abordar religião e ateísmo nas redes sociais: reflexões sobre o estudo das construções identitárias e do debate sobre fé no Facebook**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom2013/Trabalhos/FERNAN~2.PDF>. Acesso em: 02 Mar, 2014.

LOPES, Marina Silveira & SILVA, Renato. **Os protestantes da Amazônia: uma análise da onda evangélica na cidade de Juína no noroeste do Estado do Mato Grosso**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%20C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>. Acesso em: 02 Mar, 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR / **1º Simpósio Internacional da ABHR – Diversidades e (in)tolerâncias religiosas**, 2013. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>. Acesso em: 20 Fev,2014.

_____ Eduardo Meinberg de A. (org.). **Religiões e religiosidade do (no) ciberespaço**. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

Nery, Marcelo (coordenador). **Novo Mapa das Religiões**. - Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/religiao/>. Acesso em: 20 Fev,2014.

REBS, R.R. **A Netnografia: em dia com a pesquisa**. Disponível em: www.slideshare.net/RebecaRebs/HYPERLINK
"<http://www.slideshare.net/RebecaRebs/netnografia-10536864>"netnografiaHYPERLINK
"<http://www.slideshare.net/RebecaRebs/netnografia-10536864>"-10536864. Acesso em: 04 Mar,2014

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

SCALQUETTE, R. A., **História do Direito: Perspectivas Histórico-Constitucionais da Relação entre Estado e Religião**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

SOARES, da Costa, C.A. *Religião e modernidade: aspectos sociológicos*, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, febrero 2011. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/11/. Acesso em: 20, Fev,2014.

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/HYPERLINK>
"<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510515,acessado>"/
[perfil.php?lang=HYPERLINK](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=HYPERLINK)
"<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510515,acessado>"&
[HYPERLINK](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510515,acessado)
"<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510515,acessado>"
codmun=510515. Acesso em: 02 Mar, 2014.

<http://www.helloresearch.com.br/>. Acesso em: 20 Fev, 2014.

<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>. Acesso em: 20 Fev,2014.

<http://novasdigitais.blogspot.com.br/2013/03/quem-sao-os-brasileiros-nas-redes.html>. Acesso em: 02 Mar, 2014.

<http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao-mapa/>. Acesso em 20 Fev, 2014.

JUVENTUDE, RELIGIÃO E ESPETÁCULO: AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS DA JUVENTUDE E A ESPETACULARIZAÇÃO DA FÉ

Flávio Munhoz Sofiati – UFG-PPGS

Wellington Cardoso de Oliveira – UFG -PPGS

Resumo

A religião sempre teve um papel de destaque na vida dos indivíduos, principalmente no que tange a formação de uma visão de mundo e de sua organização. No caso da juventude, por muito tempo a religião herdada dos pais, sempre teve enorme influência na forma com que os jovens viam e percebiam o mundo. Entretanto, nas últimas décadas tem sido possível perceber transformações na forma com que os jovens e expressam e reafirmam suas crenças religiosas. O presente trabalho pretende discutir o lugar da religião na vida dos jovens, e como a juventude atual tem expressado sua religiosidade. Para isso, utilizar-se-á dados recentes do censo do IBGE sobre religião e sua configuração na sociedade atual.

1. Introdução

O presente trabalho foi realizado para apresentação no VIII Congresso Nacional de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em abril de 2014. A discussão do texto gira em torno da temática: **Juventude, Religião e Espetáculo: As expressões religiosas da juventude e a espetacularização da fé.**

Sendo assim, o texto privilegia o estudo da juventude religiosa com foco na análise dos processos de espetacularização da fé nas últimas décadas e a relação da juventude com esse processo.

A proposta é pensar como a juventude atual exterioriza sua fé, uma vez que, o templo e o culto tornaram-se espaço de busca e satisfação de desejos e prazeres. Dessa forma, o culto antes entendido como espaço sagrado, tornou-se o lugar do show e do espetáculo. Logo, abriu-se oportunidade para diversas manifestações e irrupções de práticas que até então não eram percebidas no espaço religioso protestante.

2. Conceituação de Juventude

Para pensar a juventude e seu papel social precisamos discutir alguns conceitos que nos remetem a ideia do ser jovem na sociedade atual. Na concepção de Groppo, (2000) e de Forrachi (1972) o conceito “juventude” foi criado a partir de vários símbolos que são inerentes a este grupo, sendo que a própria sociedade se encarrega de nomear as ações que são ou não pertencentes a essa categoria juventude. Para os autores é justamente a “localização social” que faz com que haja diferenças geracionais entre um grupo e outro, pois são indivíduos que vivem o mesmo tempo histórico, mas que, no entanto, estão localizadas socialmente em espaços distintos.

As pesquisas recentes feitas sobre juventude e religião tem procurado destacar como esse grupo social se relaciona e como ele tem se destacado em um contexto marcado pela pós-modernidade. Groppo (2000) defende a ideia de que a juventude atua como transformadora da ordem social. Segundo, ele à resistência dos indivíduos a mudança é maior entre os adultos do que entre os jovens, isto porque os primeiros já apresentam seus quadros referenciais formados.

Por isso explica que os grupos etários adultos não participam das mesmas ideias e valores defendidos pelas gerações mais jovens, pois estão em espaços temporais distintos. Na fase adulta os indivíduos, mesmo que questionados, são responsáveis por suas decisões e são cobrados para assumirem essa postura. Para Groppo (2000) “na juventude [...] a vida é nova, e as forças formativas estão começando a existir e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador de situações novas” (p.23).

Para Souza (2004)

A juventude tem-se constituído objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas. Abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas, antropológicas, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. (p.48)

Assim pesquisar temas relacionados à juventude perfila-se na atualidade, como um desafio se levarmos em consideração que a cultura jovem faz parte de uma rede heterogênea de elementos que compõem o signo juventude. Essa heterogeneidade das culturas jovens demonstra maior visibilidade, principalmente nas metrópoles urbanas. Situação evidente principalmente quando observamos o aumento sistemático das “tribos urbanas” nas regiões metropolitanas dos grandes centros urbanos, onde os indivíduos se identificam de acordo com a particularidade de seu grupo social.

Neste sentido, Souza (2004) afirma que,

[...] os ritos de passagens não se configuram mais como possibilidade para qualquer definição de juventude. Num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade evaporam-se. (p. 51)

Os ritos de passagens tão comuns em sociedades tradicionais que definiam as fronteiras entre jovens e adultos, maturidade e imaturidade não se mostram mais suficientes para caracterizar o que seja jovem. Parece-nos que não existem mais marcos nas fronteiras, e os elementos que antes serviam como norteadores de pertencimento e identidade ruíram-se em um mundo marcado pelas dúvidas e incertezas.

Não é preciso ir muito longe para notarmos cada vez mais, grupos que se fecham tornando-se cada vez mais arredios em relação às pessoas que não apresentam o mesmo estilo de vida. Assim, todo aquele que não se veste ou tem a mesma linguagem de um grupo específico, torna-se estranho ao ambiente, ao passo que inserir-se num grupo torna um dos requisitos básicos para não se sentir perdido na imensidão da metrópole.

Uma das características do período conhecido como pós-moderno, tem sido a fragmentação das identidades dos indivíduos. Criam-se grupos, inventam-se estilos próprios a fim de acompanhar a tendência mundial, ou quando não, de se posicionar contrário ao que é considerado normal. No caso da juventude, o resultado mais visível fica por conta dos novos estilos de se portar adotados pelos jovens no seu cotidiano bem

como na forma de se expressar socialmente. Com este raciocínio, destaca-se a afirmação de Souza (2004) de que:

O século XX termina apontando para um futuro cuja única certeza que se tem é a da mudança. As tradicionais formas de ver o mundo foram desmontadas, e a racionalidade técnica do lugar dá outras formas de pensamento. Já não se trata mais de soluções acabadas, mas de inventar, em cada situação, novas possibilidades, em um mundo em transformação com idas e vindas, quebras e dobras, cortes e rupturas. Enfim, um tempo de grandes viradas. (p.52)

Diante de todas as incertezas, advindas do mundo pós-moderno a juventude elabora suas concepções e seus valores. As incertezas e inseguranças do mundo atual tornam-se aspectos consideráveis ao avaliarmos as inconstâncias da juventude, pois é nesse ambiente que os jovens vivem parte de suas vidas e dele arremonta toda sua formação como futuros adultos.

Neste sentido, Groppo (2000) observa que estar na condição jovem apresenta-se como uma situação intermediária, na qual estão sendo construídas e reestruturadas visões e interpretações do mundo. Os jovens são convidados a um constante repensar de suas trajetórias e decisões, ora marcadas por um discurso de transformação e renovação, já em outras por continuação e reafirmação dessa tradição. Suas decisões e opiniões são constantemente confrontadas pelos valores adultos, que não os veem como capazes de tomarem decisões típicas de adultos, impulsionando a juventude a contestar continuamente o que lhes parece trivial.

Segundo Pais (2006),

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para retomar tempos depois; encontram um emprego e em qualquer momento se veem sem ele; suas paixões são como “voos de borboleta”, sem pouso certo; casam-se não é certo que seja para toda vida.... São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. (2006. p.8)

Na juventude, as ideias estão em constante ebulição, o que possibilita que crenças, valores, tradições e práticas sejam reestruturadas a todo o momento. A condição de jovem parece ser de fronteira, não podem assumir posições de irresponsabilidades porque não são crianças, ao mesmo tempo em que outras decisões não lhes são permitidas porque são exclusivas de adultos.

Pais (2006) chama atenção para os caminhos percorridos pelos jovens ao observar que enquanto as gerações mais velhas orientam sua vida por caminhos e valores de segurança; os jovens escolhem muitas vezes, as rotas de ruptura e do desvio, fazendo de sua passagem para outra fase um momento de aventura e risco. A opção pelo

risco seria uma forma questionadora do cotidiano e das monotonias impostas pelo ritmo de vida, além de ser uma forma de libertação velada do tradicionalismo das gerações mais velhas.

Para a juventude se dispor ao risco, seria um mal necessário, pois ao mesmo tempo serve como forma de exceder o ritmo monótono de vida, propiciando que a cultura jovem seja vista, notada e comentada. Mesmo que esse olhar exponha situações de contestações e de desapego àquilo que as gerações adultas esperam da juventude. As próprias gerações adultas não esperam muito dos jovens na sua juventude, mais do momento em que se tornaram adultos por acreditarem que é o momento que terão capacidade de tomarem decisões consideradas típicas da fase adulta. É na juventude que as ideias estão em formação e suas decisões estruturadas em referenciais que estão se solidificando. Por isso, as decisões desse período são marcadas por inconstâncias e incertezas, conduzindo a juventude a se contradizerem em vários momentos.

Usando critérios de pesquisa do IBGE (2000) que classifica a juventude por faixa etária, consideramos jovem o grupo de indivíduos que têm uma faixa etária de idade entre 15 e 24 anos. Entretanto, o critério etário tende a ser reducionista ao analisar esse grupo partindo apenas do elemento idade. Afinal, mesmo estando na mesma faixa etária há diferenças consideráveis até entre jovens residentes na mesma cidade, mas que moram em localidades diferentes, como é o caso de jovens da periferia que têm situações de vida distintas de jovens que moram no centro.

Ainda, de acordo com critérios utilizados pelo IBGE (2000) o grupo juventude está inserido no rol de população economicamente inativa, isto é, daqueles que não têm renda estabelecida que não trabalham e mesmo que trabalhem não sustentam família. Talvez a deficiência desse conceito esteja no fato de não considerar que grande parte da população jovem, que vive nas regiões de periferia e que se enquadram nessa faixa etária, trabalha e ajuda no sustento de casa, sendo que em muitos casos são provedores do sustento familiar (Novaes, 2006).

Jovens que desde cedo foram obrigados a abdicarem de sua juventude para adquirirem responsabilidades consideradas típicas de adultos. Novaes (2006) explica que para esses jovens que não tiveram direito a infância, a juventude começa mais cedo. Em outras palavras, explicita que são jovens com idades iguais que vivem juventudes desiguais. Uma realidade visível nas periferias de metrópoles como Goiânia, onde jovens cada vez mais cedo são forçados pelas circunstâncias em que vivem a procurarem mecanismos de sobrevivência.

Rocha (2006) chama atenção no que diz respeito ao fato de que o consumo entre a juventude parece ter poder coercitivo, uma vez que constrói sistema de representações que, coletivamente compartilhado, atua como força social em relação ao indivíduo. No caso da juventude produzindo significado de pertença, construindo mapas culturais e identidades sócio espaciais. O que justifica o fato de grande parte das propagandas de apelo ao consumo estarem voltadas para esse segmento social. Para a juventude o consumo configura-se como regulador do ambiente à medida que possibilita identificação com outras pessoas que usam ou têm o mesmo produto.

Usando a expressão “categoria social”, Groppo (2000) observa que ao analisarmos juventudes, devemos ter em mente que tais indivíduos não fazem parte de

um grupo social coeso e específico à medida que temos situações sociais diferentes. Antes se apresentam como uma representação simbólica de um grupo social que tem comportamentos e atitudes que lhes foram atribuídos socialmente.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GROPPO, 2000. p. 7 e 8)

São esses comportamentos e atitudes que transformam a juventude em um objeto importante de análise, pois sugerem graus diferenciados de recepção e significação de discursos. Indivíduos que estão num período importante de suas vidas, período de transição e reformulação de crenças, valores e sentimentos. Os jovens vivem num período de vida onde suas ideias estão sendo construídas, questionadas e reinventadas cotidianamente.

3. Juventude, Religião e Espetáculo.

A sociedade atual tem sido conhecida, como a sociedade do espetáculo. Esse processo de espetacularização da sociedade têm abarcado diversas áreas da vida social, dentre elas a religião e sua exteriorização.

Segundo Debord (2003) o espetáculo faz parte da sociedade, e ao mesmo tempo pode ser entendida como objeto de sua unificação. Neste sentido, podemos pensar que na sociedade o espetáculo desempenha uma função importante à medida que cria elementos capazes de unir os indivíduos em torno imagens que traduzem uma realidade.

Neste aspecto, Debord observa que:

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. (2003, p.9)

Dessa forma, é preciso entender a juventude como grupo social mediatizado por imagens que são construídas socialmente. Logo, as representações que o espetáculo possibilita acrescenta ao mundo da juventude uma visão cristalizada da realidade. Em outras palavras, o espetáculo monopoliza a realidade, forjando expressões que legitimam anseios e desejos do grupo.

No espaço religioso, o espetáculo se estrutura criando novas formas de expressões religiosas e ao mesmo tempo alargando as fronteiras de possibilidades religiosas. No que tange a juventude, tem sido comum observamos expressões que até

então não eram vistas em ambientes religiosos e que mexem diretamente com a juventude e com seu ideário religioso.

Debord explique que;

O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. (2003, p.10)

Assim, o espetáculo cria um mundo irreal não oportunizando o reconhecimento de uma realidade social. No campo religioso, tal perspectiva se materializa ao percebemos um processo claro de espetacularização das crenças religiosas presentes no espaço cultico, bem como da sua forma de manifestação.

Ainda na lógica de Debord só podemos entender essa sociedade do espetáculo se atemos a uma lógica de um processo de dominação econômica presente no contexto social. Neste sentido, acrescenta que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do *ter* e do *parecer*, de forma que todo o «ter» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela *não é*, lhe é permitido aparecer. (2003, p.13)

A lógica do ter, em relação ao ser predomina não sociedade do espetáculo, pois marca os resultados de um busca constante pela acumulação de bens de consumo. Por isso, vive-se numa sociedade da aparência, onde o que manda é o que se vê no momento e não a realidade.

Não é novidade que nos últimos anos a religião tem assumido diferentes formas de manifestações no contexto social. Isso decorre, principalmente, das transformações que a pós-modernidade trouxe ao contexto religioso, dando maior liberdade de escolha e ao mesmo tempo oportunizando novas posturas em relação à fé.

Na prática, essas transformações não significam que os indivíduos deixaram de ter fé, ou que se tornaram totalmente ateus; pelo contrário, o que se percebe é antes de tudo que nos últimos anos novas formas de religiosidade se tornaram possíveis no mundo contemporâneo e ao mesmo tempo em que os indivíduos passaram a exteriorizar de formas variadas essa religiosidade.

Tavares e Camurça (2004) constataram, por meio de pesquisa com jovens universitários, que o fator religioso está mais presente entre jovens negros, mulheres e membros de família com pouca escolaridade e ou moradores da periferia. A pesquisa observa que no decorrer da trajetória estudantil, a maioria dos jovens tende a passar por um processo de recombinação de suas crenças religiosas. Os autores ainda advertem que:

Os jovens estudantes mineiros pesquisados seguem as tendências gerais que têm sido apontadas para a religião em nosso país e para a juventude brasileira como um todo. Eles são francamente católicos. Escolhem sua religião por motivos pessoais. Sua participação nas atividades religiosas é modesta, embora um número expressivo faça oração diária. (TAVARES e CAMURÇA, 2004, p. 61).

Observa-se assim, que algumas características marcantes da pós-modernidade vêm se revelando nas décadas que sucedem. Uma delas é a perda de autonomia das instituições religiosas frente aos seus fiéis que não se sentem mais obrigados a obedecer a regras e padrões de conduta pré-estabelecidos. Talvez, por isso, não se sintam incomodados em expressar suas crenças, valores e sentidos, transitando em diferentes formas religiosas.

Os jovens já não enxergam a instituição religiosa como sendo única produtora de sentidos religiosos, nem como portadora exclusiva de verdades religiosas. Isso encaminha os indivíduos a não se sentirem incomodados em questionarem as decisões institucionais. Ou mesmo que não questionem, adotem práticas e estilos condenados pela instituição a qual estão filiados. Essas práticas de enfrentamento, ainda que maquiadas, revelam descontentamento e tensão entre as gerações, pois conservam, em seu bojo, sentimentos de renovação e mudança.

Fernandes e Pitta (2006, p. 123) salientam que “nesse momento da vida, os jovens estão envolvidos com experiências estudantis, preocupados com trabalho, lazer e vida efetiva. Já a religião, embora presente tende a não aparecer como fator prioritário”. Embora a perda de autonomia das instituições religiosas venha se firmando como realidade, esta não pode ser entendida como um fenômeno simples, antes resultado do processo de secularização, que reestruturou o lugar da religião na sociedade atual.

Rivera (2002) pondera que o fenômeno da secularização parece ter transformado o lugar da religião na sociedade à medida que a pós-modernidade oferece aos sujeitos várias possibilidades e opções religiosas, conforme se confirma na citação abaixo:

O enfraquecimento das tradições implica numa proliferação de opções religiosas, e um resultado inevitável é o declínio dos compromissos religiosos. A expressão pública de múltiplas formas religiosas contemporâneas significa, para não poucos estudiosos da religião, pura e simplesmente uma negação da secularização desprezando-se qualquer necessidade de rediscutir o conceito. Mas uma análise mais cuidadosa da teoria da secularização, demonstra logo a superficialidade dessas leituras (p.104).

O que enfraquece o processo de transmissão da tradição religiosa gerando declínio das instituições e crise nos compromissos religiosos. No caso da juventude, o efeito da secularização nos parece mais em evidência pela facilidade dos jovens em questionar e buscar novas possibilidades. Em consequência, a religião da juventude deixou de ser institucional para ser pessoal. O jovem pós-moderno não se vê obrigado a continuar no mesmo percurso religioso dos pais, pois se percebe autônomo na configuração de sua forma de crer não vendo necessidade de estar preso a determinações e convenções religiosas tão comuns nas religiões herdadas.

Segundo Hervieu-Léger (2000), a crise da transmissão religiosa atingiu todas as instituições de socialização como a família, as religiões e as escolas, pois estão inseridas em um contexto de relativismo que coopera para tal situação. Essa crise da transmissão religiosa acentua os conflitos geracionais, pois revela certo inconformismo de grande parcela da juventude que não se sente a vontade para seguir os modelos familiares tradicionais de religiosidade. Ao mesmo tempo, evidencia desejos de mudanças, busca por transformações, questionamentos e ansiedade tão comuns nesse período de vida.

Logicamente, ao se tornarem adultos, mesmo não levando a risca a tradição religiosa dos pais, os jovens terão oportunidade de estruturarem sua religiosidade com fundamento naquilo que sempre questionaram e creram. Todos os conflitos gerados durante a fase de juventude servem de base para estruturar suas decisões que se firmam em cima das experiências vivenciadas no cotidiano. E mesmo não seguindo a risca as ideias defendidas pelos pais, suas decisões têm por base a tradição familiar.

Nesse contexto recente, as identidades religiosas são cada vez menos herdadas e cada vez mais construídas a partir das experiências pessoais dos indivíduos. Convém ressaltar que uma das características da religião nesse século está centrada justamente na possibilidade de cada pessoa ter sua forma de crer e se expressar, que resulta em uma multiplicidade de crenças e valores religiosos. Entre a população jovem, observa-se uma tentativa de negação da religião herdada.

Segundo Foracchi (1972), os indivíduos de uma mesma sociedade compartilham de um acervo comum de experiências e situações de vida. O que os tornam diferentes é justamente o espaço de localização social em que cada sujeito está inserido. Essa localização é que produz diferenças geracionais, pois cria uma lacuna entre o grupo, uma estratificação diferencial de vida que faz cada um adaptar suas ideias, valores e conceitos de acordo com sua localização social. Localização que não nos remete a ideia de espaço geográfico, mas de localização no contexto sociocultural. São essas experiências do período de juventude que formam os fundamentos básicos de tudo aquilo que será usado na fase adulta. Segundo Foracchi (1972), podemos compreender melhor como origina a juventude se considerarmos que,

O importante, todavia é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou continuidade que entre as se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração. Dessa colocação a

juventude surge, naturalmente, como um problema particular e como um conceito a ser examinado. (p.24)

Numa sociedade onde as identidades sociais tornam-se cada vez mais transitórias e passageiras, os conflitos e diferenças tendem a aparecer com mais facilidade, evidenciando ainda mais as contradições entre os grupos e seus anseios. Na pior das hipóteses, essa situação trará a tona não só diferenças de localização social, como certezas e situações de acomodação e conservação do tradicionalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões implementadas neste trabalho procurou destacar como os jovens atuam como principais agentes no processo de transformação dos movimentos religiosos. Mesmo os movimentos mais tradicionais, como o próprio pentecostalismo clássico o processo de alteração na tradição religiosa é visível, principalmente na prática religiosa de suas gerações mais jovens.

O que as pesquisas vêm demonstrando é que ao adotar práticas religiosas não tradicionais, os jovens o fazem buscando realizar seus desejos pessoais de transformações dentro do próprio grupo. Assim, a regra que vale é a busca pelo espetáculo. Essa por sua vez tende a refletir na forma com que os jovens percebem e refletem sua expressão religiosa.

REFERENCIAS

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução em português: www.terravista.pt/IlhadoMel/1540 paráfrase em português do Brasil: Railton Sousa Guedes Coletivo Periferia www.geocities.com/projetoperiferia fonte Digital base Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia 2003.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Sturt. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraciara Lopes Louro. 10^o. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa. In: *Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo, S P: 2000, ano XIV, nr. 18.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução: Circuitos jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1^a Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARIANO, R. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião” ventos secularizantes: “espírito de época” e novos sincretismos. In: *Estudos Avançados*. , nr 18, SP, 2004.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RIVERA, Dário. Paulo Barreira. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

ROCHA, Everaldo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: *Comunicação, consumo e espaço urbano; novas sensibilidades nas culturas jovens*. ROCHA, Everaldo Rocha... at al., (orgs.). Rio de Janeiro: PUC-Rio/Mauad Ed., 2006.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Jovens em movimento: o processo de formação da pastoral da juventude do Brasil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: UNESP, 2007.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Ayres Marcelo. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. In: *Numem: Revista de Estudos e Pesquisas da Religião*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004, v. 7 n. 1, p.181.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1999.